



ZÉLIA BREDÁ
«O importante é conhecer
pessoas de outros países»,
diz a doutorada em Turismo

Hospitalidade num clique

- **couchsurfing.com** – O mais popular. É gratuito, as doações são bem-vindas
- **hospitalityclub.org** – Rivaliza com o CouchSurfing em sócios. Inscrição gratuita
- **joomla.servas.org** – Criado em 1949, foi o pioneiro. Os membros são certificados por carta de recomendação
- **trocacasa.com** – Permutas de casa e, até, do carro. Paga-se €75 por ano
- **wwooof.org** – Para trabalhadores voluntários, em quintas biológicas. O voluntário paga €10 e o anfitrião 25 euros. Em Portugal, existem 73 quintas e o site é wwooof-portugal.org
- **warmshowers.org** – Para ciclistas em viagem. Doações bem-vindas womenwelcomewomen.org.uk - Só para mulheres. Paga-se 52 euros.

LUCILIA MONTEIRO

Viajantes em rede

Com a popularização da Internet, novo tipo de oferta turística prolifera – a troca de alojamento gratuito

POR ALEXANDRA ROSA

Hotéis, guias turísticos e pacotes de viagens poderão ser, no futuro, negócios em vias de extinção. As pessoas vão viajar menos? Pelo contrário. Existe é um novo conceito turístico em ascensão – a troca de hospitalidade. Quer dizer, pessoas – organizadas em redes sociais sediadas na Internet – que permutam alojamentos à borla.

«Ser gratuito não é o mais importante», sublinha Zélia Breda, 32 anos, doutoranda em Turismo, na Universidade de Aveiro, e embaixadora nacional da CouchSurfing (surfing no sofá), actualmente, a rede de intercâmbio de hospitalidade com mais sócios. «O principal é conhecer pessoas de outros países e ver o local através dos olhos de um residente», continua Zélia. Uma mais-valia em relação aos serviços prestados pelos guias turísticos que, geralmente, só mostram os aspectos mais «óbvios» e impressionantes dos lugares.

Além disso, as redes estimulam os seus membros a visitar sítios inesperados, para onde não existem pacotes de viagens. «Uma aldeia, na Índia, no meio do nada», por exemplo. «Os vizinhos [do anfitrião] olhavam para mim como extraterrestre, muitos nunca tinham visto ocidentais», conta a *couchsurfer* de Aveiro.

Mas nem sempre as raparigas que optam por dormir em sofás alheios têm boas

histórias para contar. «Às vezes, aparecem alguns malucos que acham que esta é uma boa forma de conhecer raparigas para o engate», relata Carlos Almeida, 33 anos, professor de Educação Física. Mas, segundo este fã dos serviços de troca de hospitalidade, estes casos são raros por-



JOÃO SANTOS
Já trocou sete vezes o seu apartamento no Algarve

MARCOS BORGES

que, quando alguma coisa corre mal, a informação é rapidamente divulgada na página *web* do serviço e os outros membros ficam avisados.

TURISMO SUSTENTÁVEL

Confiança é também a palavra-chave para as pessoas que aderem ao TrocaCasa, a versão portuguesa do HomeExchange, uma empresa online que facilita a permuta de

habitações. «A minha casa vai ser bem cuidada porque [os ocupantes] também estão a oferecer a deles», diz João Santos, 39 anos, um optometrista de Lisboa que já trocou sete vezes o seu apartamento em Portimão, no Algarve, por residências noutras partes do planeta. «É muito agradável, podemos escolher as casas que nos agradam, podemos cozinhar, ver DVDs. Não é impessoal como num hotel e é muito mais barato», salienta João. A troca não é, porém, completamente grátis. Para mostrarem as suas casas, os sócios têm de pagar uma anuidade de 75 euros. Valor que contrasta com a quota voluntária de €25 do CouchSurfing.

Em comum, as duas redes apadrinham um tipo de turismo mais amigo do planeta, já que promove o comércio local e não obriga à construção de novas infraestruturas.

Sem dúvida amigos do ambiente são os *wwooofers*, ou membros da World Wide Opportunities on Organic Farms (oportunidades mundiais em quintas orgânicas). Uma rede online de quintas de agricultura biológica, as quais albergam trabalhadores voluntários, durante um certo período de tempo. «Este conceito é muito diferente do turismo», assegura Mirjam Olsthoorn, 40 anos. «A ideia da *Wwoof* é promover o intercâmbio de conhecimentos sobre agricultura sustentável», informa esta agente de desenvolvimento rural holandesa. Por isso, na sua quinta, na Guarda, os voluntários têm de ficar, no mínimo, um mês. Todavia, há quem faça do *wwooofing* a sua profissão. «Conheci um canadiano sexagenário que só fazia isto», conta esta holandesa, há 15 anos em Portugal. «Andava com uma mala, de quinta em quinta, pelo mundo.» Uma nova forma de viajar, ou de viver?